

Quem não tem onde morar?

Texto
Hugo Segawa

A habitação é uma questão sensível à sociedade como um todo. Ricos ou pobres, todos têm que morar, e na paisagem brasileira pontilham as respostas para essa necessidade (e direito, segundo a Declaração Universal dos Direitos do Homem): da favela ao condomínio fechado, do conjunto do BNH às verdejantes superquadras, o ambiente urbano e, particularmente, as periferias de nossas metrópoles constituem vasto campo para o desenvolvimento de investigações científicas.

Lembro que a socióloga Lúcia do Prado Valladares realizou um levantamento bibliográfico cujo número de títulos a respeito da questão da habitação ascendia a mais de duas centenas em 1982. Verifica-se a significativa massa crítica acumulada sobre o tema, e sabemos também como temos em gestação inúmeras pesquisas nesse âmbito. Essa autora, que publicou tal bibliografia na coletânea *Repensando a Habitação no Brasil* (Zahar, 1983), com as cautelas necessárias, ordenou os títulos segundo sete itens: favela; ação governamental no campo da habitação; periferia; loteamentos e autoconstrução; moradia e trabalho; usos do solo; movimentos sociais urbanos ligados à habitação; e um "geral".

Assevera ainda a socióloga carioca a rarefação de estudos voltados à história da habitação, mencionando, entre os pesquisadores-arquitetos, trabalhos de Nestor Goulart Reis Filho, Luís Saia, Carlos A.C. Lemos e Raquel Rolnik. Embora, em essência, sejam poucos os trabalhos nesse particular, muitos títulos não são mencionados nessa importante bibliografia sobre habitação no Brasil, alguns publicados há mais de trinta anos. Todavia, são lacunas compreensíveis.

E hoje temos já novos estudos nesse especial âmbito, e certamente uma das mais significativas contribuições recentes é o livro *Eu Não Tenho onde Morar: Vilas Operárias na Cidade de São Paulo*, da socióloga Eva Alterman Blay. Originalmente uma tese de livre-docência, apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, no Departamento de Ciências Sociais, *Eu Não Tenho onde Morar* traz a público um conjunto de informações da maior importância, produto de pesquisa tanto em arquivos e bibliotecas - obras de difícil acesso, como relatórios e publicações de época, trabalhos acadêmicos não publicados - como resultante de estafante coleta de depoimentos mediante entrevistas.

Com esses procedimentos, a obra propõe o cruzamento de visões de momentos distintos: compreender a origem das vilas operárias e a presença desses conjuntos até o presente; o ponto de vista dos que patrocinaram e construíram essas vilas e a imagem criada por aqueles que delas usufruíram (ou não). Uma leitura contrapontística, uma análise rica em documentação desvendando as características das relações sociais e produtivas estabelecidas no contexto e no seio da industrialização em São Paulo na passagem do século, preparando a explicação da organização da cidade calcada na segregação social e funcional do espaço urbano nas primeiras décadas de nossa centúria. E, ainda prosseguindo nesse esforço explicador, a autora realiza uma

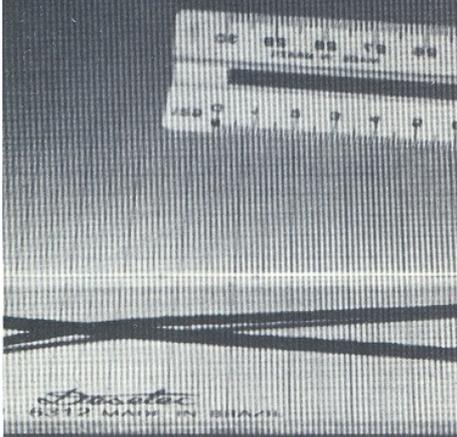
verificação sobre os remanescentes de vilas operárias existentes ao final dos anos 60. A avaliação do sentimento de seus atuais moradores, alguns, velhos inquilinos ou proprietários de imóveis com histórica participação na ocupação dos bairros operários paulistanos.

Dedicando o primeiro capítulo ao estudo do significado da vila operária no processo de industrialização de São Paulo e o seu papel regulador nas relações de trabalho - como um silêncio intermediário entre o patrão e o operário da indústria -, Eva Blay também aqui assinala a presença desses conjuntos operários no Estado na cidade de São Paulo, procurando localizá-los na dinâmica da ocupação do solo urbano paulistano. O segundo e o terceiro capítulos desenvolvem o antagonismo entre as visões da burguesia cafeeira e industrial e o operariado. Aqui, discutindo posturas municipais, maneiras de obtenção de vantagens pecuniárias com concessão de cortiços e derivações dessa natureza, voz de "respeitáveis" técnicos e edis. Os trabalhadores, destituídos de maiores recursos de defesa de seus interesses, são estudados diante a leitura dos artigos da imprensa operária da época, tratando da questão da habitação - todos vociferando, numa óptica anárquica, contra os interesses burgueses na administração municipal e os aumentos nos aluguéis, exigindo palavras de ordem contra esses abusos.

Os três últimos capítulos trazem os depoimentos de moradores de seis vilas operárias: da famosa Vila Maria Zélia de Jorge Street, dos anos 10 de nosso século, até conjuntos mais antigos ou comentados, mas todos tendo o denominador comum o fato de constituírem empreendimentos imobiliários ligados à lógica que presidiu a implantação de moradias operárias associadas ao espaço de produção das indústrias patrocinadoras das construções. Um significativo reconhecimento mostrando as trajetórias e os anseios, as dificuldades e os valores atuais habitantes dessas tradicionais vilas.

O livro bem demonstra como o passado e o presente se imiscuem, como certos processos de intermediação nas relações de produção - dadas as circunstâncias peculiares dos respectivos momentos históricos - preservam momentos cujas analogias no tempo e no espaço sinalam a absoluta imobilidade de nosso sistema político-econômico periférico para buscar alternativas, não por um abafamento de conflitos mas por soluções inteligentes pela superação dos históricos impasses.

Qualidade
e tecnologia
valorizam
o seu projeto.



SIM 7973



**ELEVADORES
SÜR S/A**

Direção Geral - Porto Alegre (RS): Rua Washington Luiz, 236
- Fone: (0512) 26-1088 • Florianópolis (SC): Fone: (0482)
22-6104 • Curitiba (PR): Fone: (041) 224-3341 • São Paulo
(SP): Fone: (011) 263-4100 • Rio de Janeiro (RJ): Fone: (021)
580-0433 • Belo Horizonte (MG): Fone: (031) 224-5366 • Salvador
(BA): Fone: (071) 244-4774 • Recife (PE): Fone: (081)
222-0711 • Brasília (DF): Fone: (061) 234-1832 • Fortaleza (CE):
Fone: (085) 224-6303 • Uruguai, Paraguai e Argentina.